

CRÔNICAS ESPORTIVAS

CONTAGEM REGRESSIVA PARA OS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016 NO BRASIL

CRÔNICA N. 144 DE 03 DE JANEIRO DE 2013

Data da publicação: 11/02/2013

MEGAEVENTOS PESQUISA E PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CAMPO

Por: Celi Nelza Zulke Taffarel
Professora Dra. Titular LEPEL/FACED/UFBA

Faltam 1.315 dias para a abertura dos JOGOS OLÍMPICOS de 2016 no Rio de Janeiro/Brasil. Neste íterim vamos acompanhar os desdobramentos da aplicação da Política Educacional em nosso país, em especial a que diz respeito a Educação do Campo. Dentro dela vamos acompanhar a política de formação de professores para as escolas do campo e dentro dela, o esforço da UFBA e dentro dele o esforço que estamos realizando para elevar a capacidade teórica dos professores para trabalharem nas escolas do campo.

Iniciamos nos posicionando sobre o conhecimento científico. Segundo Coggiola, historiador da USP:

O saber científico-tecnológico não é neutro e ao realizarmos a opção por um caminho, estamos fazendo uma escolha sociopolítica de longo prazo que implica e representa a definição de uma série de questões relacionados ao padrão de consumo, à força de trabalho, aos níveis de investimentos e, sobretudo, à exploração dos recursos naturais, à energia, à estruturação do sistema educacional e da pesquisa, com inevitáveis interferências na identidade cultural. (...). A construção do saber científico busca ampliar os horizontes de liberdade, expandir a capacidade de percepção de nossos sentidos e compreender as relações existentes na natureza, bem como aquelas geradas pelos agrupamentos humanos. O conhecimento produzido representa um patrimônio da humanidade. (COGGIOLA, 2005, p.3)^[1]

Portanto a formação de professores no Curso de Licenciatura em Educação do Campo para responder aos desafios da escola pública, em especial nas classes de 6º a 9º série e do Ensino Médio no Campo tem que ter um ponto de referência fundamental.

Neste sentido reputamos que a formação de professores para enfrentar o desafio de formar seres humanos na perspectiva de um outro projeto histórico tem que deixar isto explicitado como ponto de partida. Qual é o projeto histórico a qual estamos relacionando a formação de professores.

Um projeto histórico aponta para a especificação de um determinado tipo de sociedade que se quer construir, evidencia formas para chegar a esse tipo de sociedade e, ao mesmo tempo, faz uma análise crítica do momento histórico presente. (Luiz Carlos de Freitas, 1995. 142).

O ensino médio, concebido como educação básica e articulado ao mundo do trabalho da cultura e da ciência, constitui-se em direito social e subjetivo e, portanto, vinculado a todas as esferas e dimensões da vida. Trata-se de uma base para o entendimento crítico de como funciona e se constitui a sociedade humana em suas relações sociais e como funciona o mundo na natureza, da qual fazemos parte. Dominar no mais elevado nível do conhecimento estes dois âmbitos é condição prévia para construir sujeitos emancipados criativos e leitores críticos da realidade onde vivem e com condições de agir sobre ela. Este domínio também é condição prévia para compreender e poder atuar com as novas bases técnicas e científicas do processo produtivo. (GAUDÊNCIO FRIGOTTO, 2005 p.76.)

Neste sentido a formação de professores para a escola do campo vem merecendo nossa atenção . Vem merecendo também investimentos tanto por parte do Governo Federal através da Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (SECAD/ME)

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=290&Itemid=816,

quanto por parte das universidades, bem como, por parte dos estudantes e professores envolvidos neste árduo e difícil trabalho pedagógico de formação humana.

Os dados apresentados pelo Departamento Intersindical de Estatística e Dados Socioeconômicos (DIEESE), em sua recente publicação intitulada Educação Profissional da Bahia e Territórios de Identidade, 2012, demonstram que nos 27 Territórios de Identidade existentes na Bahia, que cobrem os 417 municípios, existem ainda muita pobreza. Faltam escolas, principalmente no que diz respeito ao Ensino Médio profissionalizante. A situação se agrava quando entramos no campo.

Os dados da análise da conjuntura, realizada por Ademar Bogo, nos permitem reconhecer que aprofunda-se a crise do capital e no Brasil, com um aparente, e só aparente desenvolvimento. As ilusões dos trabalhadores estão sendo quebradas a partir da experiência concreta de governos ditos “democráticos e populares”, frente ao mercado capitalista que não poupa nem os seres humanos e muito menos a natureza.

A exposição da professora Guiomar Germani durante a disciplina mostrando a concretude da questão da terra, das questões agrícolas e da questão agrária no Brasil demonstra com dados empíricos as conflitualidades do campo Brasileiro, em especial na Bahia. Mostra quem é a classe trabalhadora do Campo e as tendências deste desigual conflito entre os proprietários dos meios de produção e os despossuídos, desde os povos indígenas, aos quilombolas, aos atingidos por barragens, açudes, mineradoras, estaleiros, ferrovias, aos sem terra, os trabalhadores de fundo e fecho de pasto, os pescadores, os quilombolas, os trabalhadores de áreas de reforma agrária, de Crédito Fundiário, da Célula da terra, aos assalariados das áreas de plantio do cacau, do sisal.

Os dados apresentados pela professora Joelma Albuquerque demonstram que as mediações estão sendo asseguradas pelos parâmetros teórico-metodológico e pela referência de projeto histórico na Educação do campo.

Professora Marise Carvalho demonstrou os nexos e relações entre o Modo de Produção hegemônico, o capitalismo, e os rumos da política pública, principalmente resultante dos confrontos e conflitos de classe no campo brasileiro.

Para explicar a crise e suas expressões em todos os âmbitos da vida humana, é necessário compreender a mercadoria e sua produção no capitalismo, as relações de produção, a atuação dos imperialistas, do Estado que abriga a classe que detém o poder e os governos de perfil social democrata e a política econômica liberal e neoliberal.

Reconhecemos os ataques contra os organismos da classe trabalhadora, a criminalização, a judicialização, a construção de “consensos” e as cooptações. Reconhecemos as alterações sofridas com o avanço do agronegócio no campo e as derrotas impostas aos trabalhadores do campo com a paralisação da reforma agrária.

Reconhecemos os graves conflitos por que passam os que vivem na terra e da terra e os que lutam pelo acesso a terra na Bahia (Ver mapa 1 abaixo). Verificar na página do Geografar UFBA os dados sobre acesso a terra. <http://www.geografar.ufba.br/site/arquivos/biblioteca/mapas/e2c60fe73bbf18edf6679c8aba2a512b.pdf>)

Reconhecemos que é preciso alterar o modo de produção o que requer engajamento, formação política, consciência de classe, domínio das ferramentas científicas.

Portanto, é imprescindível formarmos bons professores para enfrentarem tal realidade, nela agir para transformá-la. Dia 05 de Abril de 2013 a UFBA forma a sua primeira turma piloto. Ingressaram 50, provavelmente concluirão 46 licenciados.

Para introduzir a Disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica IV – EDCE57, do IX Módulo, último Tempo Escola, destacamos que são necessários instrumentos de pensamento e de pesquisa para apreendermos o real concreto, nosso ponto de partida, em que estamos inseridos e que estes instrumentos de pensamento e de pesquisa foram desenvolvidos ao longo destes cinco anos de trabalho (2008-2013).

Ao todo são quatro disciplinas de trabalho intenso, durante cinco anos, onde:

- a) Na Disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica I, nos aproximamos do materialismo histórico dialético enquanto lógica e teoria do conhecimento para destacarmos e diferenciarmos o que é o pensamento idealista e o que é o materialismo. Tratamos do trabalho em geral como fundante do ser social e em especial do trabalho pedagógico na escola do campo. Partimos da prática social problematizando a Escola capitalista a partir dos dados concretos de nossas próprias escolas no campo;
- b) Na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica II nos apropriamos dos fundamentos da formação humana, da Educação em geral e em especial da Educação do Campo e do trabalho pedagógico na escola do Campo. Instrumentalizamos-nos sobre Projeto Político Pedagógico, Currículo, trabalho pedagógico e seus pares dialéticos – objetivo-avaliação; conteúdo-método, tempo-espço, relações professor-estudante-comunidade-estado;
- c) Na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica III partimos para elaboração de uma síntese que considerou como fonte de dados a escola do ensino médio concreta (visitamos o centro educacional Edgard Santos, coletamos dados sobre variáveis internas e externas que determinam o currículo), nos aproximamos da normatização, da legislação, das Diretrizes para o Ensino Médio e, nos apropriamos das principais concepções, contradições e propostas para o Ensino Médio Integrado (trabalho-ciência-cultura). Trabalho este que se integrou com o Estágio e o Programa de Incentivo a Docência (PIBID);
- d) Agora na Disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica IV vamos, por fim, planejar para retornar a prática escolar, ao trabalho pedagógico, em um patamar mais elevado de compreensão da realidade, de domínio sobre Projeto Histórico, Teoria do Conhecimento, Teorias de Ensino-Aprendizagem, ou seja, Teorias Pedagógicas e Educacionais, Metodologia do Ensino e metodologia da pesquisa e, o Trabalho Pedagógico.

Teremos ao todo sete encontros e em cada encontro vamos desenvolver atividades acadêmicas que exigem habilidades de pensamento onde o foco central é a capacidade de análise, síntese e imaginação criativa. O conteúdo trabalhado durante estas quatro disciplinas será agora exigido, acrescido dos conteúdos desenvolvidos nas áreas específicas e nos módulos integradores. É uma condição *sine qua non* que o acúmulo organizado do conhecimento trabalhado venha a tona em nova síntese, qualitativamente superior, após estes cinco anos de estudos. É imprescindível que habilidades e instrumentos de pensamento sejam empregados.

Um destes instrumentos de pensamento é a capacidade e habilidade para realizar análises. Trata-se aqui de análise da conjuntura, análise de dados, análise de documentos, análise de textos, e assim por diante. Para tanto é necessário dominar os conceitos sobre Modo de Produção e consciência, sobre trabalho-educação. Para tanto é necessário o estudo dos clássicos e mais, a pesquisa dos acontecimentos, dos fatos para sistematizá-los e, uma vez sistematizados os dados, realizarmos as relações e nexos e buscarmos as determinações de primeira ordem, até as determinações de última instância dos fatos históricos.

Uma boa análise da conjuntura nos permite:

- a) relacionar historicamente, os fatos e os acontecimentos, com a crise estrutural e conjuntural do capital;
- b) identificar o grau de desenvolvimento da luta de classes, luta esta que é econômica, ideológica e política;
- c) definir estratégia e tática, e no nosso caso, a orientação imprescindível para atuarmos no processo de formação humana, no processo de formação de professores, em especial para atuarem na escola do campo, na educação do campo;

Um dos primeiros exercícios será, portanto, a análise de conjuntura. Vamos arrolar os acontecimentos locais, regionais, estaduais, nacionais, da América Latina e do Mundo para explicá-los com radicalidade. Reconhecer o que determina em primeira até última instância estes acontecimentos. O que assegura esta situação que estamos vivendo.

Após a avaliação da conjuntura, em um segundo momento, vamos problematizar em especial a Educação, confrontando interesses, expressos em teses antagônicas sobre a formação humana. Uma tese sustentada pela burguesia de formar um novo trabalhador para responder as exigências do capitalismo e, outra tese, das forças progressistas, de formar um novo homem, ou seja, formação humana emancipadora. Estas teses foram analisadas pelo professor Luiz Carlos de Freitas, limiar da Educação neoliberal no Brasil, estão ainda atuais e apresenta as teses em confronto e conflito.

Ainda segundo Freitas (1995), com o interesse do capital pela educação algumas consequências podem ser hipotetizadas:

a) o ensino básico e técnico vai estar na mira do capital pela sua importância na preparação do novo trabalhador;

b) a didática e as metodologias de ensino específicas (em especial alfabetização e matemática) vão ser objeto de avaliação sistemática com base nos seus resultados (aprovação que geram); (LCF, p. 127).

c) a “nova escola” que necessitará de uma “nova didática” será cobrada também por um “novo trabalhador”;

d) tanto na didática como na formação do professor haverá uma ênfase muito grande no “operacional”, nos “resultados”, nas “competências” - a didática restringir-se-á, cada vez mais, ao estudo de métodos específicos para ensinar determinados conteúdos considerados prioritários e, a formação do professor poderá ser aligeirada do ponto de vista teórico, cedendo lugar à formação de um “prático”. (LCF, p. 127). Evidências estão postas nas propostas curriculares e nos cursos à distância

e) “os determinantes sociais da educação e o debate ideológico poderão vir a ser considerados secundários – uma ‘perda de tempo motivada por um excesso de politização da área educacional’”. (LCF, p.124)

Para dar o contraponto a tais concepções, dentro da conjuntura que vivemos atualmente, estamos atuando por antítese, planejando coletivamente as bases do trabalho pedagógico no ensino médio visando uma formação omnilateral^[2]. Portanto, dominando o método dialético materialista histórico, dominando instrumentos de pesquisa e compreendendo o que são os moduladores principais para alterar o trabalho pedagógico na escola, vamos recolocar as concepções de Educação que deverão sustentar o Plano de Ensino. Teremos, portanto, articulados ao Plano de Ensino, os Planos de Estudos dos estudantes que compõe o ensino

O que pretendemos é dar consequência prática e demonstrar a aderência ao real de tal proposição.

A UFBA mantém um projeto piloto de formação de licenciandos para as escolas do campo desde 2008. Em 5 de abril de 2013 será formada a primeira turma. Exatamente hoje, dia 2 de fevereiro de 2013, iniciamos as aulas presenciais do Módulo IX, o último módulo que completa uma carga horária de 4.114 horas, desenvolvidas em regime de alternância, com Tempos Escola e Comunidade.

Mas afinal, qual é a relação da Educação do Campo com megaeventos?

Voltamos a afirmar que sem entendermos estas relações entre a aplicação de recursos públicos que estão sendo prioritariamente empregados para construir arenas enquanto isto a Educação do Campo míngua, a reforma agrária retrocede e as crianças e jovens ficam cada vez mais longe do acesso ao patrimônio cultural esportivo, não vamos conseguir agir para superar estas contradições.

O Complexo Esportivo Educacional da UFBA tem que ser construído para alojar os estudantes do campo. Receber, alojar, oferecer condições de formar professores para as

escolas do campo, que estudam em regime de alternância é condição *sine qua non*, para que a própria UFBA cumpra o seu papel social.

Existem sim, nexos entre escola do campo, formação de professores para o campo, reforma agrária, soberania alimentar, soberania da nação e MEGAEVENTOS. É por isto que queremos ver criado o Instituto de Ciências do Esporte ou Instituto de Educação Física, Esporte e Lazer, e construído o Complexo Esportivo Educacional da UFBA...

Continuemos...

Disponível em: RASCUNHO DIGITAL. <http://www.rascunhodigital.faced.ufba.br/> Acesso em: 14 de maio de 2013.

[1] Fragmento retirado do texto A propósito da regulamentação da Lei de Inovação Tecnológica - Novembro 2005: CIÊNCIA & TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: POR QUEM OS SINOS DOBRAM? Texto enviado por coggiol@hotmail.com em 17 de novembro de 2005 às 03h44min.

[2] O termo “omnilateral”, ou “onilateral” é encontrado em “A Ideologia Alemã”, obra de Marx e Engels. Segundo Manacorda (1991, p.79), a “omnilateralidade” trata da “chegada histórica do homem a uma totalidade de capacidades produtivas e, ao mesmo tempo, a uma totalidade de capacidades de consumo e prazeres, em que se deve considerar, sobretudo o gozo daqueles bens espirituais, além dos materiais, e dos quais o trabalhador tem estado excluído em consequência da divisão do trabalho”. Referências completas MARX, Karl; ENGELS, Friederich. A ideologia Alemã. São Paulo: Hucitec, 1987. MANACORDA; M. História da educação: da antiguidade aos nossos dias, São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1999.